

AURORA OBREIRA

REVISTA Nº 10
ANO 1 - 2011
JULHO/AGOSTO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

**09 de Julho
de 1917,
Greve Geral
que
paralisou
grandes
cidades
brasileiras
por bem
estar e
liberdade**



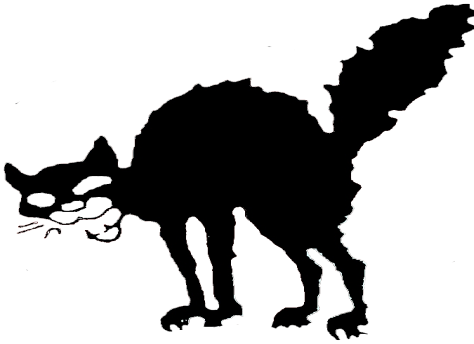
**19 de Julho
de 1936,**

**Revolução na
Espanha,
anarquia nas
ruas, nas
fábricas, nas
escolas, nos
campos e
cidades.**

Só a luta nos trará dignidade e liberdade!



***Organiza e Luta!
Anarquia Sempre!***



EDITORIAL

A luta se mantém, na Grécia, na Espanha, na Itália, em Portugal, na Irlanda e na Inglaterra uma política antisocial que procura defender os especuladores se dá contra a população que se rebela.

Aqui, nas terras de Pindorama, também estamos confinados a medidas anti-inflacionárias que atacam diretamente a economia de nossa gentena forma de arrochos salariais e demissões estrututurais.

E o capital segue destruindo tudo e a tod@s!

Levantemos, porque se ficarmos parados nesse ataque, estaremos entregando a vida de milhões de pessoas. Somos fortes, unidos, somos invencíveis!

Só a luta nos trará dignidade e liberdade, não se iludam!

Saúde e anarquia!

Fenikso Nigra

Grupo de ação e divulgação anarquista e do esperanto, construindo o anarquismo através de práticas libertárias.

**AURORA
OBREIRA**

Redação: Voluntários do Fenikso Nigra

Editoração: ICN

Imagens: Arquivo Bem Estar e Liberdade
Esta revista foi inteiramente desenvolvida em softs livres:

LIBREOFFICE, INKSCAPE, GIMP,

SCRIBUS em plataforma operacional Linux: Ubuntu 11.04.

Contatos:

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net

Barricada Libertária:

barricadalibertaria@yahoo.com.br

Expressões Anarquistas: exprana@riseup.net

Listas eletrônicas (solicite já sua adesão):
expressoesanarquistas@lists.riseup.net
fenikso@lists.riseup.net

Fenikso Nigra - Caixa Postal: 5005 - CEP:
13036-970 - Campinas/SP

Aurora Obreira - Revista anarquista - nº 10 -
Julho/Agosto 2011. Revista anarquista para
divulgação e informação sobre o anarquismo.
Sobre Licença Creative Commons:
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>:

Você pode: -copiar, distribuir, exibir e
executar a obra; criar obras derivadas sob as
seguintes condições: - Atribuição: Você deve
dar crédito ao autor original, da forma
especificada pelo autor licenciante; - Uso
Não-Comercial: Você não pode utilizar esta
obra com finalidades comerciais; -
Compartilhamento pela mesma licença: Se
você alterar, transformar ou criar outra obra
com base nesta, você somente poderá
distribuir a obra resultante sob uma licença
idêntica a esta.

ANARQUIA!
FENIKSO NIGRA



Greve de 1917 em Campinas

“a força, como era do seu dever e, seguindo instruções precisas que lhe dei, repeliu com energia o ataque {...} dos desordeiros que começam a levantar os trilhos da linha da Companhia Paulista na vizinhança da cidade, acumulando dormentes e pedras no leito da estrada {...} e atiraram pedras e dispararam tiros de revólver e carabina contra os soldados da Força Pública {...} e por informações recebidas, os indivíduos mortos e feridos não são operários” Delegado Geral de São Paulo Thyrso Martins defendendo o uso da violência policial.

Não foi encontrada nenhuma arma com os manifestantes.

Os mortos Tito Ferreira de Carvalho, 67 anos, Antonio Rodrigues, 24 anos e Pedro Alves, 18 anos, trabalhavam regularmente na MacHardy (ferrovia) e na Companhia Mogiana (ferrovia).

Os “desordeiros”, todos trabalhadores em greve, paralisaram a cidade de Campinas em 16 de julho de 1917, em consequência da grande greve em São Paulo, iniciada em 09 de julho de 1917, também com mortos e feridos.

Durante o dia foram feitos comícios e passeatas, reivindicando reajuste de 20%, redução da jornada de trabalho e melhor condições de trabalho (90 anos depois, continuamos nas mesmas reivindicações!).

À tardinha, a polícia prendeu um dos articuladores das ações, o anarquista sindicalista Ângelo Soave e o envia para São Paulo, via trem. Os manifestantes solidários aos princípios de ação direta e justiça ocuparam os trilhos de forma a impedir a saída do trem prisão.

A força policial, instruída a usar de energia e rigor, o que vale dizer, violência que lhe é peculiar (certas coisas não mudam!), dispersa os manifestantes a bala. Os resultados de tais atrocidades são inúmeros feridos e 3 mortos.

A sociedade e imprensa campinense ficaram indignadas com a atitude da polícia, que embora afirmasse que o movimento era de desordeiros estranhos aos operários, não conseguiu provar suas afirmações.

Estes fatos ocorreram antes e voltaram a ocorrer depois, e se nossa classe não se unir de forma revolucionário e romper com o sistema opressor e explorador, acontecerão ainda muitas vezes.

Lembremos a Internacional:

Bem unidos façamos, nesta luta final, duma Terra sem amos, a Internacional!



Só a luta nos trará dignidade e liberdade!

O medo e a covardia assolam os trabalhadores e desta vez em forma de conformismo com a prisão que os patrões, gerentes, empresários construíram junto com trabalhadores pelegos e corporativos, preocupados apenas com sua existência e de nenhum companheiro mais. Ao manterem a estrutura totalitária de Getúlio Vargas e sua fatídica CLT, não deslumbraram o quanto isso seria prejudicial as futuras gerações de nosso povo, tornando-o mais submisso ao sistema de exploração e opressão.

É o que vemos nas campanhas salariais e nas eleições para o sindicatos, onde as gestões e pretendentes a elas se tornaram fantoches corporativos, meras extensões do Estado e dos patrões, fazendo o jogo de fingir fazer a luta, porque não fazem de fato, levando os trabalhadores a situações bizarras e removendo o espírito de luta, tornando-os resignados e conformados a situação.

Como pais de família e temerosos por nossa gente, o anarquismo mais uma vez apresenta que devemos abandonar o sindicatos oficiais, legais e construir um novo sindicalismo de luta e resistência, sem pedir licença ao Estado, aos patrões, aos empresários.

Não nos ouvirão? Um movimento legítimo fará qualquer “surdo/cego legal/oficial” ver e ouvir, e não tenhamos medo ... somos os construtores de um amanhã justo e livre, sem opressão e sem exploração.

Façamos os poderosos tremer!!!

Segue texto retirado do jornal A Plebe, Anno I - num 6 - 21 de Julho de 1917, onde relata a ação grevista e a repressão policial, como mortos e feridos. O relato é muito interessante porque coloca a ótica dos grevistas, na qual não houve nenhuma provocação por sua parte e que foram atacados de surpresa pela polícia.

O grupo anarquista Fenikso Nigra e o sindicalismo revolucionário de Campinas homenageou estes martires da Greve Geral em Campinas com placas que resgatam nossa memória de luta operária. Ter conhecimento de nossa história passada de lutas torna-nos perseverantes nas lutas de hoje rumo ao um futuro de bem estar e liberdade, de explorados e oprimidos emancipados.





Em Campinas

Paralisação completa do trabalho – O barbarismo policial

Desde o início da greve, em São Paulo, que o povo e, particularmente o proletariado campineiro alimentavam forte sympathia pela justa causa do operariado paulistano. Assim é que, a todo o momento, se ouviam commentarios entusiastas á acção dos grevistas.

Dia 13, seguiu para essa capital o batalhão aqui aquartelado afim de, com as forças d'ahi, completar a obra infame já começada: massacrar o povo.

O policiamento de Campinas ficou a cargo dos pedantes garotos da Linha de Tiro 176, que, desejosos de uma estréia auspiciosa, commeteram algumas e inúteis arbitrariedades.

O operariado campineiro, querendo manifestar, de facto, a sua solidariedade aos companheiros de

São Paulo, resolveu, no dia 16, declarar-se em greve e reclamar também um aumento de 20% nos seus salários. Nesse mesmo dia, cerca da 1 hora da tarde. Os operários da Companhia Mogyana, Mac Hardy e Lidgerwood, numa grande massa, percorriam as ruas da cidade quando, sem motivo algum, foram presos dois companheiros.

Diante disso que representava uma revoltante arbitrariedade, os operários, precedidos de uma bandeira vermelha, symbolo das suas aspirações de justiça, encaminharam-se á autoridade policial, pedindo a liberdade dos dois camaradas. Arrogantemente, a autoridade negou que os mesmos achassem presos.

No tracto foram adherindo á greve os operários de muitos estabelecimentos industriaes. Cessou o movimento de bondes que, por alguns momentos deixaram de trafegar. O commercio fechou.

Algumas horas depois adheriram ao movimento os operários de outras fabricas e officinas.

Os obreiros campineiros, sempre com calma, dirigiam-se aos jornaes locaes, quando alguém alytrou a idéia de irem esperar a passagem do comboio que ia partir para São Paulo, onde talvez viajassem os presos. Com esse fim dirigiram-se para a porteira da Capivara, que aquelle trem deveria atravessar. De facto, o comboio appareceu momentos depois, sendo apredrejado por alguns moleques.

Cruzando-se com o que vinha d'ahi permitiu que os esbirros das duas cidades se communicassem. E taes foram as communicações que d'ahi a pouco se consumava a pavorosa tragédia.

O commandante da força, fazendo parar o trem em ponto que julgou estratégico, fez descer a soldadesca a qual, approximando-se, ás occultas, da massa dos grevistas rompeu incontinenti a fuzilaria.

Entre mortos e feridos notamos seis pessoas, victimas dessa polícia assassina que mata de emboscada operários pacatos e ordeiros com são todos os de Campinas. Entre os mortos figuram os companheiros Antonio Rodrigues Magota e Tito de Carvalho.

Foi essa uma violência sem qualificação porque os operários não commeteram depravações nem desattenderam ás autoridades.

Esse official que commandou o massacre deveria e mereceria ser lynchado, mas é certo que o capitalismo ladravaz vae certamente dispensar-lhe honrarias especiaes e talvez, amanhã, ostentando no braço um novo galão.

Na terça-feira, 17, foi profusamente espalhando o seguinte boletim:

“Companheiros! Sejamos unidos, para assim obtermos a vitoria dos nossos direitos. Não nos

curvemos ante a prepotência dessa polícia sedenta de sangue.

A polícia sanguinaria quer-nos privar de acompanhar hoje a última morada os despojos dos nossos companheiros.

É uma iniquidade, é um abuso. Satisfaze-la nesse seu proposito, é dar uma prova da nossa decadência, da nossa fraqueza.

Portanto, operários não deixem de comparecer ao sepultamento dos nossos desditosos companheiros, marcado para hoje, ás 13 horas.

Todos! Não nos esmoreça a brutal selvageria de hontem! - A Comissão – Campinas, 17 de jullho de 1917.”

Nesse dia os operários de todas as typographias de Campinas adheriram á greve, reclamando aumento de salário.

O enterro das victimas foi uma imponente manifestação de protesto do proletariado campineiro, que a ele compareceu em multidões.

A Plebe Anno I – Num 6 – 21 de Julho de 1917

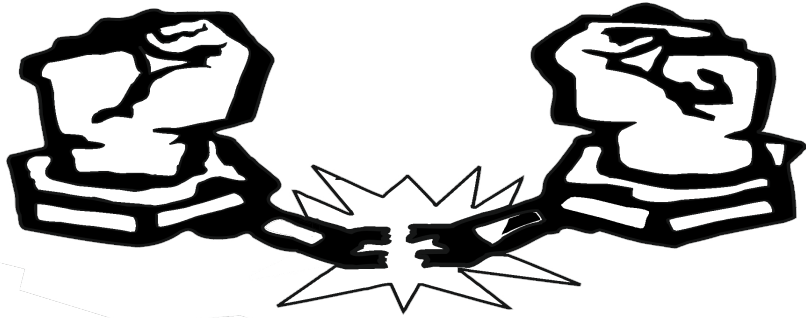
Texto digitalizado pelo Fenikso Nigra, mantendo a grafia da época.

ANARQUIA!
FENIKSO NIGRA

ANARKIO.NET



**Só a luta nos trará a
dignidade e liberdade!**



Manifesto Sobre a moral De um individualista!

Sumário:

- 1) Apresentação do manifesto.**
- 2) Fundamentos morais.**
 - 2.1)- A moral burguesa**
 - 2.2)- A moral de um individualista. (Eu)**

Apresentação:

Às páginas a seguir, tratarão de explicar de forma clara e concisa, os meus fundamentos morais, que mesmo não podendo realizá-los em sua completude, pois estou inserido em uma sociedade, da qual não tenho nenhum consentimento. Mesmo assim, é possível em várias ocasiões me manifestar nas minhas deliberações morais (independente das consequências que isso gere dentro das instituições de controle, para a minha vida.)

Não irei tratar aqui, de exemplos práticos de conduta, ou fazer uma análise minuciosa de cada possível evento - em outra ocasião, talvez, eu me detenha a explicitar pormenorizadamente, em uma análise mais aprofundada, todos os preceitos que se seguem dessa concepção individual-moral; desses primeiros esclarecimentos fundamentais da minha moral. - tampouco discorrer hipoteticamente sobre como seria uma organização social onde esses preceitos individuais e outros dos demais indivíduos pudessem conviver em harmonia, não! Trata-se antes de um esboço do que são pra mim as bases elementares da minha moral. Sendo essa a minha concepção individualista, não tento traçar um manual, ou modelo geral do que é o individualismo, ou uma moral que sirva de paradigma a outros indivíduos.



Fundamentos morais

A moral burguesa

Tentarei aqui, expor de forma direta, as diferenças e os antagonismos entre uma concepção moral individual (a minha) e a moral burguesa.

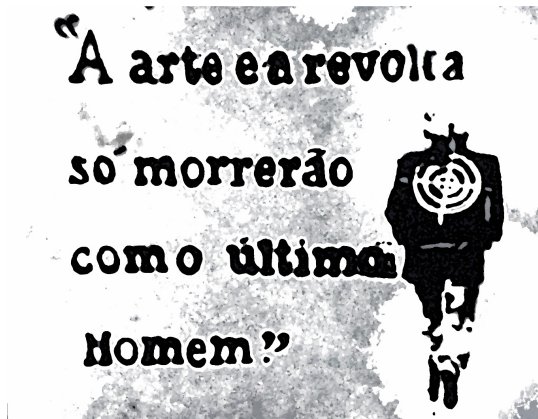
A burguesia que conquistou seu lugar de protagonista na história moderna e contemporânea, baseia-se em teorias morais, na tentativa de justificar seu direito como legítimo. Essas teorias por sua vez, possuem uma unidade que contém certas máximas fundamentais e prescrições da conduta humana, atribuindo-lhes valor preeminente, o que as define então, como uma moral burguesa.

Analisando certas máximas cristãs, entendidas como pertencentes a uma ordem universal atribuída por Deus, revelada pelo evangelho ou descobertas pela razão, como por exemplo: nulli esse faciendum malum . Vejo que, no curso do tempo foi sendo modificada pelo processo de humanização e secularização, dando a esses preceitos morais uma cara humana. A burguesia muito hábil, de acordo com seus interesses, passou de uma concepção moral estritamente espiritual, para uma concepção humanista. Todavia, como todo conjunto moral, permanecendo sempre como um conteúdo “sagrado”, ao atribuir um juízo de valor.

Se antes, numa concepção estritamente cristã, era ao espírito a quem se prestavam os fundamentos morais, que deveriam estar de acordo com a ordem divina. Agora é o conceito de “homem” quem rege esses mandamentos, atribuindo valores morais deduzidos da observação dos fatos, do conjunto das condições ambientais, sociais, históricas, a chamada “natureza das coisas”, mas sempre de acordo com seus interesses e, adequando preceitos morais

cristãos. Dentro desse contexto, se antes era a lei divina que regia as relações humanas, agora é a lei terrena que tem esse papel, e o que antes era o herético, aquele que desrespeitava as leis, agora é o criminoso.

Essa idéia de estado é quem representa esse conceito do homem e seu valor sagrado, relegando ao indivíduo, o único valor que consiste em ser um bom cidadão desse Estado. O que fica evidente é como diria Nietzsche uma moral de rebanho que contrapõem a individualidade. “A moral de rebanho caracteriza-se como antípoda da vontade de potência, ela (a moral de rebanho) prega a vida gregária que impede a singularidade e acaba com as diferenças entre os indivíduos; e tem como função a domesticação, a padronização do homem, junto com a doutrina do livre-arbítrio a moral de rebanho leva os homens a acreditarem piamente que são livres, que pensam livremente, que agem segundo suas próprias vontades, que fazem escolhas, quando, no entanto, são todos escravos do mesmo rebanho, do instinto gregário, da moralidade.”



Fundamentos morais: A moral de um individualista. (Eu)

Ora, analisei rapidamente, como a moral burguesa usou da moral preexistente cristã; atribuindo-lhe uma nova roupagem. E eu? O que eu irei propor? Uma nova roupagem? Outro objetivismo ético?

A resposta é não camaradas. Ao objetivismo ético, proponho o subjetivismo.

O indivíduo assumindo seu papel como único e incomensurável. E, é justamente nesse ponto que entra a minha luta, a luta de quem pretende ser senhor de si!

Vale ressaltar que não se trata de uma a-moralidade, tampouco de imoralidade. Pretendo deixar claro o fundamento elementar de qualquer moral individualista: “Entendo por individualismo a doutrina moral que, não se apoiando em nenhuma tradição, em nenhuma vontade exterior, não se dirige senão à consciência individual.”

O que não posso negligenciar, é que vivo em sociedade, independentemente de como se deu esse processo, o fato é que estou inserido desde o meu nascimento em um Estado e uma cultura, em um contexto sócio-cultural.

Deste modo não perderei tempo, tentando confrontar os “raciocínios hipotéticos”, desde os gregos, sobre a natureza e origem do Estado.

Seguirei então, com a minha

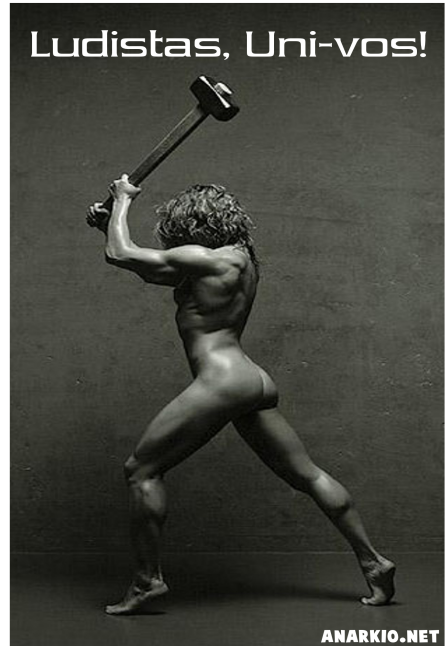
intenção, que é mostrar que, uma vez que não vivo isolado, não por escolha, mas justamente por que estou já inserido desde o nascimento em uma comunidade, ainda assim:

“O indivíduo é a verdadeira realidade da vida, um universo em si. Ele não existe em função do estado, ou dessa abstração denominada “sociedade” ou “nação”, que não é senão um ajuntamento de indivíduos.”

Disso não necessariamente deve-se deduzir, que se o indivíduo é único, não compartilha de noções e entendimentos comuns a outros e, que não seria possível traçar de forma genérica uma moral comum a vários indivíduos.

Dentro das particularidades de cada indivíduo, é possível traçar critérios de deliberações, que são comuns a vários outros e, que assim sendo, se associam livremente a partir dessas correlações. E por acaso não é assim mesmo, que às relações políticas se dão? Vejamos os grupos, as comunidades, os indivíduos e/ou grupos ideológicos, enfim. Não é por valores, ou interesses parecidos, por afinidades, que surgem dessas opiniões e concepções individuais que faz com que as pessoas se relacionam? (Relacionar-se livremente e não por obrigação, ou por alguma coerção, seja ela econômica, social, enfim.)

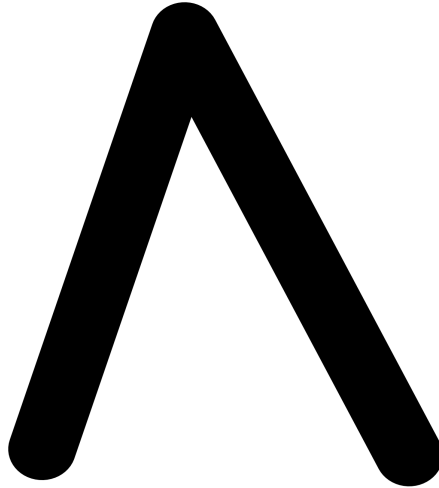
Da mesma forma é assim que eu me relaciono, e por ter essa recusa a qualquer forma de opressão ou mando que me diga o que eu devo fazer, ou como devo fazer, é que sou um anarquista- individualista; sem dogmas ou um projeto de governo. A única luta é a de se libertar do jugo de qualquer outro, viver baseado no apoio mútuo e solidariedade (e há quem diga que individualismo ou se preferir, egoísmo, não pensa em solidariedade, que não



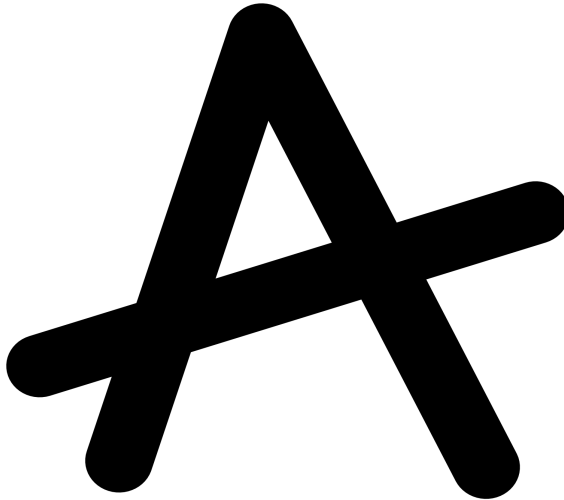
pensa nos demais e, que quando pensa, é sempre com um viés filantrópico, mas a esses eu digo; que vocês possuem uma concepção individualista deturpada pelo liberalismo.), pois na minha concepção, sei que como dizia Bakunim: "A situação dos outros homens importa muito para mim, pois, por mais independente que pareça ser minha posição social, seja eu papa, czar, imperador ou primeiro ministro, sou sempre o produto daquilo que são os últimos dos homens; se eles são ignorantes, miseráveis, escravos, minha existência é determinada por sua ignorância, por sua miséria e por sua servidão. Eu, homem esclarecido e inteligente, por exemplo, sou estúpido por sua estupidez; eu, corajoso, sou escravo por sua escravidão; eu, rico, tremo diante de sua miséria; eu, privilegiado, empalideço diante de sua justiça. Eu, que quero ser livre, não posso, pois em torno de mim os homens todos não querem ainda ser livres, e, ao não querer, tornam-se para mim instrumentos de opressão". Portanto para que eu consiga ser dono de mim (nada de transcendência, por favor), para eu conseguir viver como quero e fazer o que quero, sem precisar me submeter a ninguém, me importa muito que todos consigam fazer o mesmo.

A. O.





**Desigualdade social em
forma de pirâmide, opressão e
exploração**



**Anarquia de baixo para cima,
rompendo com a opressão e
exploração**

10º EXPRESSÕES ANARQUISTAS

EXPOSIÇÕES, OFICINAS, CONVERSAS

MÚSICAS, IDÉIAS, IMAGENS, VIDEOS

E MUITO MAIS

TRAGA E COMPARTILHE SUA EXPRESSÃO
ANARQUISTA

15 E 16 DE OUTUBRO 2011

15 DE OUTUBRO

9 h - Abertura e apresentação
do evento

10 h - História do Expressões

11:30 h - Rango

13 h - Direito e Anarquia - CCS-SP e Fenikso
Nigra

15:30 h - Lanche

16:30 h - Discussão sobre genero - Capre

16 DE OUTUBRO

9 h - Esperanto. Linux e
Anarquia - Fenikso Nigra

11 h - Rango

13 h - Anarcosindicalismo hoje

15:30 h - Lanche

16:30 h - Plenária Geral aberta a todos

Horários e assuntos sujeitos a alterações conforme o entendimento e interesse dos presentes.

Não haverá alimentação nem alojamento no local.

LOCAL: CENTRO DE CULTURA SOCIAL - SAO PAULO (CCS-SP)

RUA GENERAL JARDIM, 253 SALA 22
VILA BUARQUE SAO PAULO - SP
PROXIMO AO METRO REPUBLICA

+ Informações: exprana@riseup.net fenikso@riseup.net ccssp@ccssp.org

APOIO:



ANARKIO.NET



LA KOLEKTIVIGOJ EN KATALUNIO (1936 - 1939)

La malvenko en Katalunio de la militista ribelo je la 18a de julio de la 1936a kunportis, ke la ŝtato, tenanto de la politika povo kaj la militista forto kaj garantianto pri la socia kaj ekonomia organizado de la lando, tute disfalis.

Per la dissplitigo de la ŝtato la laboristoj –aparte tiuj permanaj, kiuj faris decidoplenan rolon je la atingo de la venko sur la ribelintoj– atingis politikan venkon kaj komencis ampleksan kaj ĝisfundan revolucion transformon de la kataluna socio.

Tiu transformo, sinbazante sur la anarkiista kaj anarkisindikata idearo de la NKL-IAF (1) (Nacia Konfederacio de la Laboro – Iberia Anarkiista Federacio), ĉar tiu organizo ĝuis plejmultan influon sur la laboristaro kaj klopodis realigi la principojn de la liberecana socialismo ĉe industria socio –kaj parte atingis tion–, okazigante originalan spertaĵon, nursolan je la mondo, kiu forestis tiom de la kapitalismo kiom de la ŝtatsocialismo.

Katalunio havis tiam loĝantaron el 2.791.000 homoj, el kiuj 1.791.000 loĝis ĉe la urbo Barcelono. 54% el la dungita loĝantaro laboris ĉe la industrio, elcento altiĝanta ĝis 68% ĉe la provinco Barcelono.

La kolektivisma spertaĵo disvolviĝinta en Katalunio de julio de la 1936a ĝis januaro de la 1939a, kvankam ĝi ne kapablis atingi plene siajn celojn kaŭze de la kondiĉoj kaj malfacilaĵoj, kiujn ĝi devis alfronti, konsistigas iun el la plej radikalaj transformoj je la 20a jarcento. Transformo, kiu tuŝis ĉiujn flankojn de la politika, ekonomia, socia kaj kultura vivo, kaj kvankam ĝi estas parto de la hispana revolucio, ĝi posedas specifajn kaj proprajn karakterojn parte malsimilajn al tiuj de la aliaj teritorioj de la respublikana Hispanio.

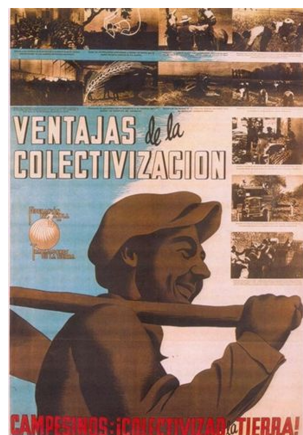


La kolektivigo

Ĉe la kataluna kamparo la eta proprieto kunestis kun la meza kaj granda proprieto, kiu estis ekspluatata sub reĝimo de farmo je duono (2). La farmistoj je duono, kiuj konsistigis la plejmultan kamparanan loĝantaron, eltenis ekde antaŭ ol la 1936a gravajn batalojn por plibonigi la kondiĉojn de siaj kontraktoj kaj celis je ĝenerale aliĝi al proprietuloj de la kampoj, kiujn ili kulturis.

Ĉe la agra sektoro la sindikata unuarangeco apartenis al la UR (Unió de Rabassaires (3)) kaj la ĉeesto de la NKL estis malgranda. Ĉe tiu ĉi sektoro ludis gravan rolon la agraj sindikatoj (iuspecaj kooperativoj), al kiuj devige apartenis ĉiuj kultur-bienoj. Tiuj ĉi sindikatoj, regitaj de la UR kaj kun rimarkinda ĉeesto de la ĜUL (4), konsistigis gravan bremsilon por la disvolvo de la kolektivigoj.

Ĉio tio kunportis, ke la kolektivigo de la kampo estu limigita. Malgraŭ ĉio oni kreis pli ol 400 agrajn kolektivigojn, kiujn oni starigis ĉefe kun bienoj konfiskitaj al la grandaj proprietuloj kaj al bienuloj partianoj de la faŝistoj kaj kun la alportajoj de la etaj proprietuloj, aliĝintaj al ili. Je ĝenerale tiuj ĉi kolektivigoj reprezentis neniun gravan ekonomian forton, ĉar iliaj anoj konsistigis nur parton el la kamparanoj de la municipo. Tamen estis gravaj ekceptaĵoj, aparte la kantonojn Malalta Ljobreĝato kaj Malalta Ebro (5), kolektivigoj, kiujn partoprenis ankaŭ anoj el UR kaj ĜUL.



La proceso de kolektivigo-socialigo en la industrio kaj la servoj

Sufokita la ribelo, kiam oni rekomencis la produktantan agadon, ĉar la mastroj forlasis siajn entreprenojn –je iuj okazoj– aŭ ne kuraĝis altrudi sian aŭtoritaton, ĉar al ili mankis la subpremigan forton de la ŝtato –je aliaj–, la laboristoj komencis tuje kaj meminitate ekfunkciigi la kolektivigan proceson kaj prenis rekte ĉemane la kontrolon kaj la direkton de la plejmulto el la entreprenoj; estas rimarkinde, ke tion ili faris spontanee.

La spontanea karaktero de la kolektivigo signifas, ke tiu ĉi ne estis realigita sub agvortoj, instrukcioj aŭ direktlinioj de iu ŝtata direktorgano aŭ de iu partio aŭ sindikato, sed el la decido de la laboristoj mem. Tiuj ĉi pere de siaj organizoj de fabriko kaj sektoro realigis praktike la ideojn kaj konceptojn, kiujn ili havis rilate kiel devas organiziĝi kaj funkcii la socio entute kaj aparte la ekonomia agado; tiuj ĉi ideoj estis grandparte frukto de la liberecanaj instruado kaj propagando, kiujn disvolvis dum la antaŭaj jardekoj la laboristaj kluboj (6), sindikatoj, kooperativoj, ktp.

La kolektivigo de la entrepreno signifis, ke ĝia proprieto aliĝis el privata al publika kaj ke ĝiaj laboristoj mem regis kaj administris ĝin. Sed tio laŭ la kolektivigistoj estis nenio krom la komenco de pli ampleksa proceso, tiu de la kolektivigo-socialigo, kiu el la kolektivigo de la entreprenoj endis antaŭeniri –kaj tiel okazis parte– al la kunordigado de la ekonomia agado laŭ industribranĉoj kaj teritorioj kaj el malsupro supren ĝis atingi la plenan socialigon de la riĉeco.

Tamen, baldaŭ okazis la rezigno klopodi plenumi la disvolvon de la proceso de kolektivigo-socialigo flanke de la gvidantaj organoj de la NKL-IAF, pledante ke tio ĉe la tiamaĵ cirkonstancoj signifus altrudi ilian diktatorecon. Tiu ĉi rezigno okazigis enajn alfrontojn kaj eĉ la iompostioman forlason de iliaj antaŭsupozaĵoj kaj principoj.

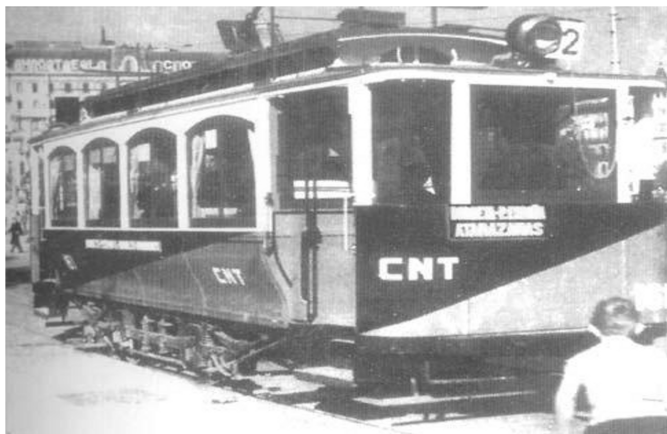
La menciita proceso, pelita kaj subtenita de la plejmulto el la permanaj laboristoj de la industrio kaj la servoj, trovis la kontraŭstaron de grava parto el diversaj sociaj sektoroj: la etburgaro, la teknikuloj, la funkciuloj kaj la komercaj kaj administraj laboristoj, kiuj entute konsistigis gravan socian bazon ĉu laŭkvalite kaj laŭkvante. Tiuj ĉi, kvankam plejparte sintenis kontraŭ la militista ribelo, kontraŭstaris la kolektivigan alternativon, ĉu ĉar ili defendis la privatan proprion sur la produktrimedoj aŭ ĉar ili defendis la ŝtatan proprion sur tiuj. Tiun ĉi kontraŭstaron kanalis kaj defendis ERC (7), ACR (8), UR, PSUC (9) kaj ĜUL kontraŭ NKL, IAF, Liberecana Junularo kaj POUM (10), kiuj subtenis la kolektivismajn transformojn.

La proceso de kolektivisma transformo atingis grandan amplekson rilate al la unua ŝtupo –tiu de la kolektivigo de entreprenoj (el 70% ĝis 80% de la entreprenoj)– kaj ankaŭ atingis duan ŝtupon –tiu de la starigado de grupigoj–, kie ĝi haltis kaŭze de la malsukceso antaŭeniri al tria ŝtupo –tiu de la

ĝenerala socialigo de la industriaj grupigoj.

Grupigo estis la unuiĝo aŭ koncentriĝo de ĉiuj aŭ parto de la entreprenoj de ekonomia sektoro kaj certa teritorio –municipo, regiono, Katalunio– en pli granda ekonomia unuo sub reĝimo de kolektiva proprieto kaj regata kaj administrata de la laboristoj mem. Sekve la entreprenoj, partoprenantaj grupigon, ĉesis ekzisti kiel entreprenoj kaj ties pasivo, aktivo kaj laboristoj apartenis al la nova produktunuo.

La grandaj kolektivigitaj entreprenoj, kiel la Kolektivigitaj Tramvojoj de Barcelono (transporto), la Hispano Suiza kaj la Rivièrè (metalurgio), CAMPSA (petrolo), La Industria Hispanio (teksaĵoj), Bierejoj DAMM (trinkaĵoj) ktp, kaj la grupigoj, kiel la Kolektiva Grupigo de la Barcelona Konstruindustrio, la Socialigita Ligno de Barcelono, la Grupigo de Kolektivigitaj Barbirejoj kaj Frizejoj de Barcelono, la Socialigitaj Publikaj Spektakloj de Barcelono, la Unuiĝintaj Elektraĵoj de Katalunio, la Kolektivigita Fandaĵindustrio ktp, konsistigas la plej gravajn kaj rimarkindajn spertaĵojn de la kolektivigo de la industrio kaj la servoj kaj, ĉar la grupigo estas ties plej kompleksa kaj supera organizformo, ilia analizo estas fundamenta por la kono de tiu ĉi spertaĵo kaj el tiu oni povas eltiri gravajn erojn de la ĝenerala socialigo, al kiu aspiris la kolektivisma alternativo.



Etapoj

La proceso de kolektivigo-socialigo evoluis je la paso de la tempo, kaŭze de la propra ena logiko de la kolektiviga proceso kaj de la ŝanĝoj okazintaj ĉe la fortrilato inter kolektivigdefendantoj kaj -kontraŭantoj.

Tiuj ĉi evoluo montriĝis per kvar etapoj: la unua: ekde julio ĝis finaĵoj de oktobro de la 1936a, je kiu komencis spontanee la kolektivigo kaj disvolviĝis sen malfacilaĵoj la laborista memadministrado. Dum tiu ĉi fazo okazis la plejmulto el la entreprenaj kolektivigoj kaj komenciĝis la starigado de la

plejmulto el la grupigoj.

La dua: ekde oktobro de la 1936a ĝis majo de la 1937a, ĝi ekis per la dekreto pri kolektivigoj –frukto el kompromissolvo, kiun interkonsentis la diversaj politikaj kaj sindikataj organizoj–, je tiu ĉi etapo oni antaŭeniris en la kunordigado de la kolektivisma ekonomio kaj ĝi estis la periodo, je kiu estis laŭleĝigita pli granda kvanto el kolektivigitaj entreprenoj kaj grupigoj. Tiel unuflanke estis disvolvata kaj fortikigata la kolektivigo- socialigo, sed aliflanke la uzado de ŝtataj organoj, malgraŭ la unuarangeco en ili de la NKL-IAF, kunportis gravan kontraŭdiron kun la principoj kaj antaŭsupozaĵoj de la kolektivisma alternativo.

La tria: ekde majo de la 1937a ĝis februaro de la 1938a, ĝi komenciĝas kun la perdo de la politika unuarangeco de la NKL-IAF, la subpremado realigita sur la LPUM kaj la plifortikiĝo de la povo de la Generalitat (11) kiel sekvoj de la "majaj okazaĵoj". Dum tiu etapo kreskis la ŝtata regado sur la ekonomio kaj samtempe la NKL klopodis pliigi la sindikatan regadon el la supro malsupren. Ĉi-rilate estas signifoplenaj la rezolucioj de la Plenumo de Valencio je januaro de la 1938a: rezigno pri la defendo de la unika salajro, starigado de prilaboraj inspektoroj, punigaj proceduroj, ktp.

La kvara: ekde februaro de la 1938a ĝis januaro de la 1939a, ĝi sin karakterizas per la pliigo de la intervenemo de la registaro de la Respubliko, la pliigo de la atakoj kontraŭ la kolektivigo por favori la ŝtatigon kaj reprivatigon kaj la rezigno defendi la memadministradon, flanke de la direkcio de la NKL, kune kun ĝia akcepto de la ŝtatigo, kiel estas spegulita de la pakto ĜUL-NKL je la 18a de marto de la 1938a. Malgraŭ ĉio, ĝis kiam la frankistaj trupoj okupaciis Katalunion, funkciis daŭre granda kvanto el kolektivigitaj entreprenoj kaj grupigoj, danke al la defendado, kiun faris la laboristoj.



La grupigoj en la industrio kaj la servoj

La grupigoj montris plurajn diferencojn unu el la aliaj laŭ la karakterizoj de la ekonomia sektoro, al kiu ili apartenis, laŭ la teritorio, en kiu ili disvastiĝis, laŭ la koncentriĝtipo (nur horizontala aŭ horizontala kaj vertikala samtempe), laŭ tio, ke ili estis laŭleĝigitaj aŭ ne, ktp. Malgraŭ tio, estis ĉe la grupigoj aro de komunaj aŭ similaj eroj, tiel ĉe la organiza flanko –simila al tiu de la kolektivigitaj entreprenoj, kvankam pli kompleksa– kiel ĉe tiu ekonomia kaj socia:

Organizado kaj ena funkciado

- Ĝenerala Asembleo. Ĝin partoprenis ĉiuj laboristoj –permanaj, administraj, komercaj, teknikaj– de la grupigo, ĝi estis la supera decida organo. Ĉe ĝi oni debatis kaj difinis la ĝeneralajn agaddirektojn, elektis kaj siaokaze eksigis la anojn de la ĉiutagaj decidaj organoj kaj kontrolis la agadon de tiuj ĉi organoj.

- Entreprena Konsilo. Ĝi estis la organo taskigita pri la teknik-ekonomia ĉiutaga direkcio. Ĝiaj anoj ricevis nur la salajron, kiu respondis ilian profesion kategorion.

- Sindikata Komitato. Ĝi estis la organo taskigita pri la ĉiutaga defendo de la laboristaj tujaj interesoj –salajro, laborkondiĉoj, emeritiĝo, ktp.

- Aldone al tiuj tri ĝeneralaj organoj de la grupigo estis ĉe ĉiuj ties ŝtupoj –laborcentro, municipo ktp– similaj organoj, kiuj havis aŭtonomecon por solvi la aferojn, kiuj tuŝis nur ilian sferon.

- Oni donis ĉefan gravecon al la ena vertikala kaj horizontala interkomunikado kaj al tio, ke ĝi estu rapida kaj flua.

- Ĉe la laŭleĝigitaj grupigoj estis ankaŭ la Kontrolisto de la Generalitat, enoficigita de la Ministro pri Ekonomio laŭ la propono kaj kun la kunsento de la laboristoj, kiu taskiĝis elteni la rilaton kun la superaj organoj –Priekonomia Konsilo, Ministro pri Ekonomio, ktp.

Restrukturado kaj raciigo de la produkta agado

- Ili koncentrigis la produktadon en pli grandaj unuoj per malaperigo de laborcentroj.

- Ili pliigis la fakiĝon de la laborcentroj kaj la raciigon de la ĝenerala produktado ĉe la sektoro.

- Ili prilaboris statistikojn, ekspluatkontojn ktp cele al plani la

produktadon.

- Ili plibonigis kaj modernigis la produktan maŝinaron.
- Ili centralizis la administrajn, kontistajn kaj komercajn servojn.
- Ili forbalais la parazitajn perantojn kaj alproksimigis la produktadon al la konsumanto.

• Ili enkondukis ŝanĝojn je la produktaĵoj, kaŭze de la milito, la novaj sociaj prioritatoj, kaj la graveco, kiun ili donis al la etikaj kaj estetikaj principoj.

• Ili disvolvis politikon pri anstataŭigo de importaĵoj per sukcesa uzo de enlandaj produktaĵoj kaj fabrikado de novaj produktaĵoj.

- Ili stimulis la esploradon ligitan al la produktado.

Socia agado

- Ili plibonigis la labor-, higien- kaj sanfavorkondiĉojn ĉe la laborcentroj.
- Ili malpliigis la salajrajn diferencojn kaj foje atingis eĉ ties neniigon.

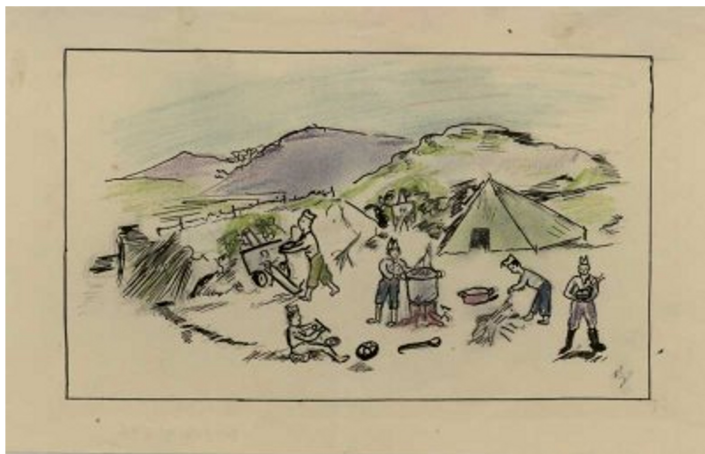
Krome estis foje familia krompago, kiun oni fiksas laŭ la kvanto el homoj dependantaj de la laboristo.

• Ili starigis servojn pri asistado –kuracista, malsanuleja kaj apoteka– kaj pri socia antaŭzorgo –malsano, akcidento, nasko, labora nekapablo kaj emeritiĝo– administritaj kaj kontrolitaj de la laboristoj mem.

• Ili agis kontraŭ la sendungeco per multobligo de la laborpostenoj kaj, kiam tio ne sufiĉis, per disdono de la laboro kaj la salajro.

• Ili realigis gravajn streĉojn por pliigi la pretecnivelon de la laboristoj ĉe la tri flankoj: fizika, intelekta kaj profesia.

• Ili atentis multe la interesojn de la konsumantoj: ili pliigis la kvaliton de la produktoj kaj servoj, de la higieno kaj de la sanfavoreco –frizejoj, laktindustrioj ktp–, plifaciligis la aliron al la produktaĵoj kaj servoj, ktp.



La militindustrio

Je la 1936a Katalunio tute malhavis industrion, kiu dediĉiĝis al la fabrikado de armiloj, tial, por povi disponi pormilitan materialon, oni transformis la civilan industrion –aparte tiun metalurgian kaj ĥemian– en militindustrio, kion oni realigis per mallonga tempoperiodo.

Tiun transformon komencis la laboristoj mem tuj post la 19a de julio, enoficigante jam je la 21a de julio al Eugenio Vallejo, de la Metalurgia Sindikato, por kunordigi la organizadon de tiuj industrioj.

La 7an de aŭgusto la Generalitat starigis la Komisionon pri Militindustrio, taskita kontroli kaj kunordigi tiujn ĉi industriojn, kaj kiu estis akceptata de la NKL post atingi serion el garantiaĵoj. Praktike la kunlaboro, kiu stariĝis inter la entreprenaj konsiloj kaj la Komisiono, estis tre kontentiga. La Komisiono, krom kunordigi la entreprenojn aliĝintaj al militindustrioj, starigis ankaŭ iujn novajn entreprenojn kaj starigis rilatojn kun tiuj, prilaborantaj helpproduktaĵojn por la milito de la sektoroj teksaĵa, optika, ligna, ktp.

Je oktobro de la 1937a la militindustrio kalkulis pli ol 400 fabrikojn kaj ĉ. 85.000 laboristojn kaj faris tre diversan kaj grandkvantan produktadon: kartoĉojn, pistolojn, vicpecojn por pafiloj kaj maŝinpafiloj, diversajn tipojn el eksplodaĵoj, man- kaj avibomboj, kirasitajn veturilojn, aviadilajn motorojn, ktp.

Tamen la registaro de la Respubliko ĉiam malfidis kaj bojkotis la starigadon de militindustrio en Katalunio, ĉar ĝi ne estis sub ĝia rekta regado. Regado, kiun ĝi ne atingis ĝis la 11a de aŭgusto de la 1938a, kie ĝi dekretis ties militistigon. Tion kontraŭstaris tiel la Generalitat kiel la laboristoj de tiuj entreprenoj, kio kaŭzis gravan malpliigon de la produktado.

Fina konsideraĵo

La kolektivisma spertaĵo, disvolviĝinta en Katalunio, havis la fortikan subtenon de la ega plejmulto el la manlaboristoj, kaj tion pruvas interalie la defendo, kiun ili faris de la kolektivigaj atingoj, kiam tiuj estis minacitaj, kaj la malalta kvanto de labora malĉeesto. Krome ĝi reliefigis la egan kre-, organiz- kaj produktkapablon de la laboristoj, kiam la entreprenoj estas ĉe iliaj manoj kaj estas ili, kiuj decidas.

Je ĝenerale tiu ĉi spertaĵo atingis sunklare pozitivajn rezultojn ĉe la flankoj ekonomia –eĉ multenombraj entreprenistoj agnoskis tion– kaj socia. Bedaŭrinde ĝi estis venkita ĉe la kampo politika-militista de tiuj, kiuj kontraŭstaris ĝin kaj per sia venko je majo de la 1937a atingis bremsi kaj malantaŭenirigi la kolektivigo-socialigon, kaj finfine de la okupacio de la trupoj de Franco je januaro de la 1939a, kiuj atingis ties plenan neniigon.

Hispanlingva originala versio en la periodaĵo "Solidaridad Obrera", kadre

de jubilea numero eldonita okaze de la centjariĝo de CNT (2010) 18-19.

Esperantigo kaj piednotoj de Jurgo Alkasaro.

Katalunlingva versio.

Hispanlingva versio.

Notoj:

1.- CNT (Confederación Nacional del Trabajo) – NKL (Nacia Konfederacio de la Laboro). FAI (Federación Anarquista Ibérica) – IAF (Iberia Anarkiista Federacio). Ekde la 1936a la sigloj de ambaŭ organizoj aperis kunigitaj.

2.- Aparcería aŭ katalune masoveria – farmo je duono. Aparcero aŭ katalune masover estis kamparano, kiu luis kampon, sub la kondiĉo donaci parton el la rikolto al la proprietulo de la kampo kiel luon.

3.- Unió de Rabassaires – Unuiĝo el Rabassaires. Rabassaire estis kamparano, kiu farmis kampon, sub kondiĉo ke, kiam mortos la du trionoj el la vinberoj de li plantitaj, senvalidiĝos la farmkontrakton.

4.- UGT (Unión General de Trabajadores) – ĜUL (Ĝenerala Unuiĝo de Laboristoj)

5.- Baix Llobregat (Malalta Ljobreĝato) kaj Baix Ebre (Malalta Ebro), katalunaj regionoj, kiuj enhavas la delton de la riveroj Ljobreĝato kaj Ebro respektive.

6.- Ateneo – Laborista Klubo. La laboristaj kluboj estis klerigaj asocioj, plejparte maldekstremaj kaj liberecanaj, kiuj liveris al la laboristoj bazan ĝeneralan instruadon, socian kaj politikan kleriĝon kaj kunvenejojn por la socia agado.

7.- ERC (Esquerra Republicana de Catalunya) – KRM (Kataluna Respublika Maldekstro). Burĝa naciista partio, kies plej konata gvidanto estis Lluís Companys.

8.- ACR (Acció Catalana Republicana) – KRA (Kataluna Respublika Agado). Plia burĝa naciista partio, kies plej konata gvidanto estis Lluís Nicolau d'Olwer.

9.- PSUC (Partit Socialista Unificat de Catalunya) – USPK (Unuiĝinta Socialista Partio de Katalunio). Kataluna filio de la Hispana Komunista Partio. Plej konata gvidanto: Joan Comorera.

10.- POUM (Partit Obrer d'Unificació Marxista) – LPMU (Laborista Partio de Marksista Unuiĝo). Kataluna marksista partio, kontraŭstarinta la stalinan politikon de la HKP. Plej konataj gvidantoj: Andreu Nin kaj Joaquim Maurín.

11.- Generalitat [Ĝanaralitat'] estas la nomo de la tiama kaj nuna kataluna reginstituciario.





Princípios Anarquistas –

O processo de organização revolucionário é desenvolvido ao longo das gerações, as vezes mesmo tendo que começar quase do zero.

Em muitos casos é a repressão ou mesmo profundas divergências que não resolvidas da forma libertária, leva a dissolução dos grupos e o afastamento dos indivíduos do anarquismo. Em muitos casos, isso só leva a reforçar a necessidade e convicção de não aceitar o estado de exploração e opressão reinante e nem a submissão aos grupos dominantes de esquerda ou direita, que sustentam modelos autoritários e centralistas.

Afirmamos que nossos princípios são compromissos de luta de nossa classe, dos oprimidos e explorados. Oriundos desses grupos, sofreremos a miséria e estamos indignados com essa situação e nos organizamos para o enfrentamento, de modo a não abrir mão do anarquismo e nem dos princípios que o caracteriza.

A luta de emancipação de obra de todos, unamo-nos!

I-Luta Popular:

Os diversos conflitos que se fazem nesse país é uma luta de classes opostas, com interesses opostos (dominantes e dominados).

Não se trata de uma luta relacionada ao nacionalismo, mas sim contra um burguesia e elites agrárias, urbanas e econômicas que exploram a população trabalhadora e oprimem os grupos populares. O conflito é social, é uma questão social e diante do avanço popular, de suas demandas, a burguesia reage cada vez mais violentamente.

Portanto a luta popular só terá apoio das classes que se opõem à opressão, que são do próprio povo.

A luta popular acontece quando no processo de resistir, barrar e acabar com a exploração dos grupos privilegiados, o povo se compõem em força política. Estabelece em grupo de forma organizada como resposta à repressão, reunindo esforços para difundir, por todos os atos, a idéia revolucionária a toda classe oprimida e explorada, inclusive aos que estejam iludidos com a validade e eficácia do modelo legal estatal.

As táticas e estratégias devem atender aos objetivos definidos pelo povo, por nossa classe. O meio que esta se desenvolve refletirá no final almejado, por isso é importante manter os meios e o fim almejado. Não adotamos qualquer meio para chegar a um fim, por que isso é um beco sem saída. Queremos liberdade já e não como um fim, já faz parte do meio de se chegar a ela. Com

escravidão não se chega a liberdade!

II-Apoio Mutuo

Cada um tem necessidades que nem sempre são atendidas por sua própria capacidade, por isso é importante a ajuda e apoio dos outros para realização e satisfação de suas necessidades.

Geralmente isso leva as pessoas se unirem, a se associarem para buscar satisfazer suas necessidades. A união de indivíduos diferentes somam forças e aumentam as possibilidades de ação mutua, de um apoiar o outro, fortalecendo a relação. O apoio mútuo não significa a formação de uma hierarquia e nem abuso entre os participantes., porque todos estão em pé de igualdade, são cooperadores, são companheiros de luta.

Em modelos autoritários, a cooperação não existe em sua amplitude, mantendo a hierarquia e centralismo de ação, a manutenção da desigualdade e apego ao individualismo egoísta, que isola cada um e cria competição entre os participantes.

O princípio de apoio mutuo luta contra as condições desfavoráveis de classe (e mesmo de espécies) e devem ser levadas sem restrição em favor da ajuda mutua para alcançar experiências intelectuais e de hábitos sociais em concepção moral e ética libertária.

III-Solidariedade Revolucionária

Se pretendemos a emancipação de todos, devemos ter em conta que temos um inimigo comum para resistir. Logo é necessário estabelecer múltiplas atividades humanas, constituídas de forma coordenada e solidária.

Com essas ações, se desenvolve a luta contra a opressão e exploração, reforçando o processo emancipatório da proposta revolucionária.

Isso se dá em meio a um compromisso com a luta libertária, com o anarquismo, com seus princípios e a convicção de liberdade para todos, sem exceção. Essa solidariedade deve crescer acima do processo do capital, trazendo uma reeducação para a vida coletiva entre iguais.

Não se pode se conformar com a situação e sempre buscar a melhoria de todos. A solidariedade é o auxílio econômico, político, moral e humano. Em muitos períodos da história, a solidariedade “revolucionária” das classes exploradas tem-se feito presente na conquista de seus direitos, na melhoria de suas condições de vida contra a exploração patronal, do estado e toda espécie de exploração. Como na greve geral de 1917, quando as organizações se solidarizaram para conquistar seus direitos. Como nos quilombos, onde negros, índios e caboclos se solidarizaram na luta por liberdade. Atualmente, as resistências contra as desocupações violentas e arbitrarias da PM, unem vizinhos na luta por sua moradia.

No decorrer da história, a união solidária da classe explorada a torna mais firme e ciente de sua luta e na busca de sua emancipação.

Não engula qualquer coisa ...



Anda nas bocas por aí ...

Aurora Obreira!

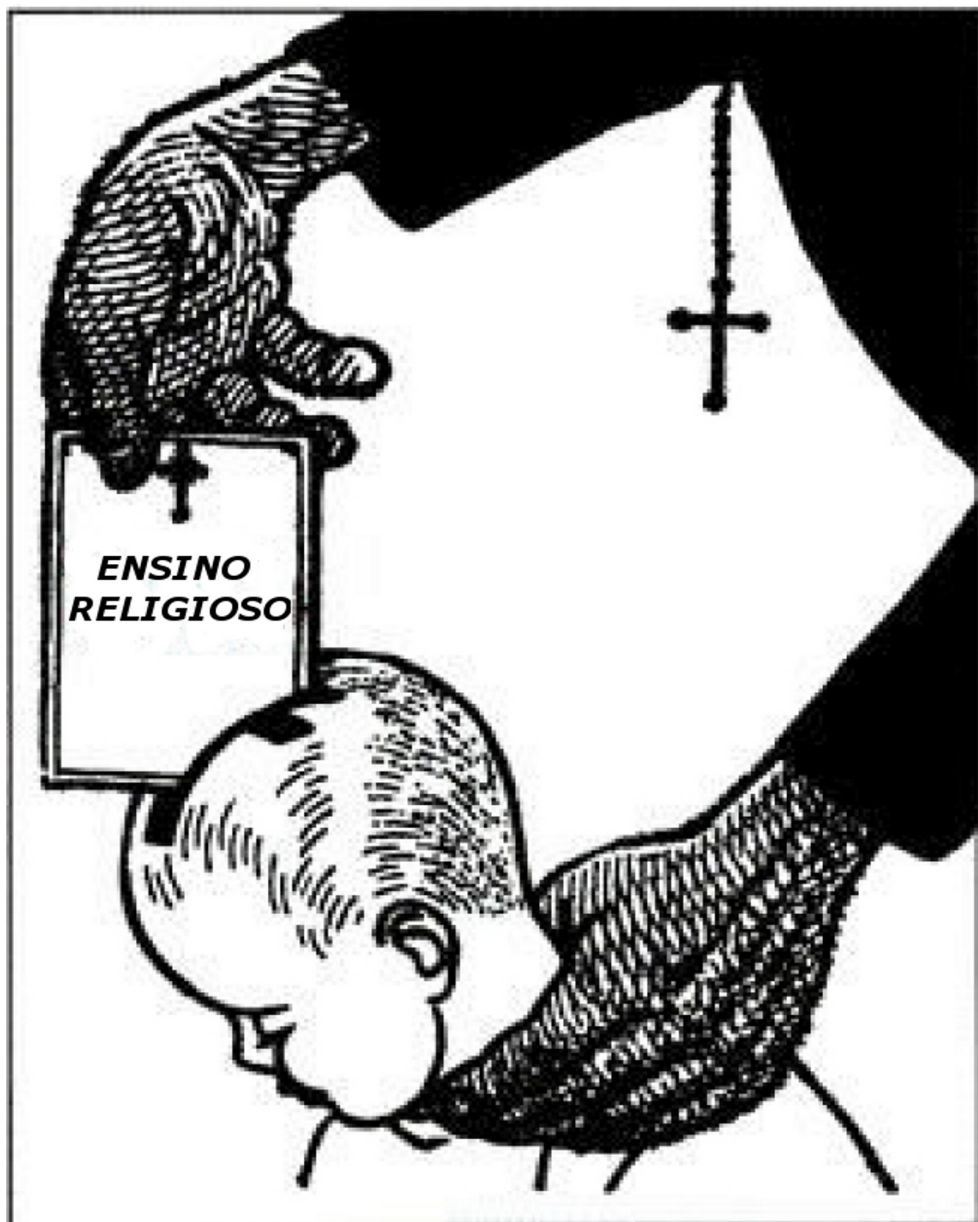
Leia, divulgue e contribua!

Veja nosso sitio eletrônico:

anarkio.net

fenikso@riseup.net

barricadalibertaria@yahoo.com.br



**A intolerância religiosa é um dano a humanidade!
Contra o preconceito e imposição religiosa e pela
união anticlerical!
Abaixo as instituições religiosas e crenças
mercenárias!**